

COLLOR TEM SAUDADES DA DITADURA



O governo atemoriza a sociedade, tenta reviver a censura prévia e quer facilitar o controle da imprensa

O novo ministro da Justiça, Jarbas Passarinho, não poderá estrear no cargo de maneira mais coerente. Logo nos primeiros dias de ministério, o quarto que ele exerce em sua carreira política, toda construída na ditadura militar, assinou uma portaria estabelecendo a censura classificatória.

A portaria 773, que segundo o governo estaria atendendo a imposições do Estatuto da Criança e do Adolescente, na verdade vai contra a Constituição, que proíbe qualquer tipo de censura, e tenta restabelecer a censura prévia, principalmente na televisão.

O ministro Jarbas Passarinho, um coronel reformado do Pará, certamente não fica constrangido com a iniciativa. Ministro do Trabalho de Costa e Silva reprimiu 41 greves entre 1966 e 68, interveio em 155 sindicatos e cassou mais de 100 dirigentes sindicais. Ministro da Educação de Médici usou o decreto lei 477 para expulsar 263 professores e estudantes das universidades.

Igualmente coerente foi sua participação na reunião ministerial que aprovou o Ato Institucional número 5 em

dezembro de 1968. "A mim me repugna enveredar pelo caminho da ditadura, senhor presidente", declarou Passarinho. "Mas, já que é inevitável, às favas todos os escrúpulos de consciência". E deu seu voto favorável ao AI-5 que revogou a Constituição, fechou o Congresso e deu poderes aos militares de governar baseados simplesmente na força.

Passarinho argumenta que a portaria 773 não restabelece a censura e diz que a repercussão em torno do assunto é "descabida". Benedito Ruy Barbosa, autor da novela Pantanal, da Manchete, confessa que ficou assustado com o retrocesso. "É terrível, achei que a censura já estivesse enterrada, principalmente quando o mundo discute a fome e o Brasil ainda discute a nudez".

A possibilidade do telespectador ofendido processar a emissora, aberta pela portaria, representa a possibilidade mais clara de censurar programas, segundo o publicitário Agnello Pacheco. "Entidades mais reacionárias, do tipo 'Senhoras de Santana' vão acabar manipulando a censura". Mas há quem não esconda as saudades da ditadura. "A novela é o produto mais perigoso da tv

porque mexe com os costumes do brasileiro e, na busca de audiência, as emissoras, principalmente a Globo, mostraram coisas que não vi em toda a história do veículo", diz Luciano Caleghari, superintendente artístico e operacional do SBT. "Alguém tinha mesmo que tomar uma atitude".

O deputado do PMDB Antônio Britto, autor do dispositivo constitucional que determina a classificação de programas para exibição nos meios de comunicação acusa a portaria de inconstitucional e diz que a regulamentação prevista tem de ser feita através de uma lei federal. Para o deputado, a Câmara dos Deputados tem de suspender, através de decreto legislativo, a portaria assinada pelo ministro Passarinho. Antes que a censura volte aos programas como acontecia durante a ditadura. Nessa época quem controlava a exibição de programas na televisão, cinema e teatro era o Departamento Federal de Censura, extinto em 1987.

Apesar das saudades de Passarinho é melhor, para o país, que o Departamento Federal de Censura continue morto e enterrado.

Antônio Rogério Magri, que se celebrou no início do governo Collor com a criação da palavra *imexível* certamente não usaria o neologismo para classificar a legislação que regulamenta uma série de profissões. Tanto é que em primeiro de novembro enviou um projeto de lei ao Congresso Nacional para acabar com o registro profissional de 15 profissões — entre elas a de jornalista, a de publicitário, a de artista, a de sociólogo e a de guardador de carros.

Se a lei for aprovada o Ministério do Trabalho e Previdência Social, ocupado pelo ministro Magri, deixará de fazer os registros e fiscalizar o exercício destas profissões. Profissões como guardador de carros, que não exigem habilitação especial, tornam-se de exercício livre para quem quiser exercê-las. Profissões que por lei exigem diploma de nível superior, como a de jornalista e a de sociólogo, continuam do jeito que estão: apenas pessoas portadoras de título universitário poderão exercê-las.

A diferença é que não vai mais ser necessário buscar o registro profissional no Ministério do Trabalho e Previdência Social. E a fiscalização do exercício profissional também deixa de ser feita pelo governo. O que significa que jornalistas e sociólogos vão ter de criar entidades capazes de continuar exercendo um controle sobre o mercado de trabalho para evitar que a lei do diploma seja fraudada. Caso contrário nem a exigência de diploma de nível superior será *imexível*.

COMUNICAÇÃO

Circuito Municipal de Vídeo

A produção de vídeo surgiu da necessidade da prefeitura de comunicar-se com outros segmentos da sociedade. A produção desses vídeos seguirá a rotina dos documentários. Começando com um trabalho de pesquisa jornalística nos locais, onde estão os focos dos problemas. De acordo com Bitá Sória, "os vídeos servirão de elementos para propiciar um debate entre a prefeitura e a comunidade sobre projetos que a Administração Popular pretende desenvolver. Esta proposta, segundo Bitá, "é uma forma de atalhar o caminho dando uma idéia mais global às comunidades porque, normalmente, as pessoas têm uma visão muito localizada da situação".

Serão duas formas de produzir estes programas de vídeo: os temáticos e os institucionais. Os temáticos desenvolverão assuntos polêmicos como saneamento, habitação, orçamento, educação. Os vídeos temáticos serão exibidos tanto em escolas como em associações de bairros, paróquias, centros comunitários, CPMs. Para se ter acesso a estes vídeos bastará requisitá-los à prefeitura.

Há dois anos, quando a Frente Popular assumiu a administração de Porto Alegre, ela encontrou uma máquina "solapada e capenga", como definiu Bitá. Com o maquinário estragado e a folha de pagamento atingindo 103% das despesas da prefeitura, "não tínhamos, sequer, recursos para comunicar estas coisas à comunidade. Dependíamos dos grandes meios de comunicação divulgar as ações da prefeitura e, muitos casos, a seu bel prazer, julgar a Administração Popular". Portanto, "a

produção de vídeos institucionais para a prefeitura é um dos objetivos da Central de Vídeo", defende Bitá.

Os vídeos institucionais não terão características de publicidade pura e simples, mas trabalharão no sentido de explorar o comprometimento da população em relação aos serviços. Eles, presume-se, reverterão também, socialmente e através de impostos. Outra vantagem, afirma Bitá, "é minimizar os custos com terceiros e facilitar a compra de mídia". Bitá, no entanto, acrescenta, que "todos os produtos e serviços que a Administração Popular vem trabalhando têm um sentido: "o de trabalhar as políticas públicas, e que o vídeo pelo vídeo significa quase nada". "É por isso que a produção de vídeo se agrega a este conjunto de situações que se está criando para favorecer uma relação melhor", finaliza.

Na opinião de Bitá, "os vídeos talvez se tornem mais eficientes em algumas populações, cuja dificuldade maior seja a leitura". Ela continua dizendo que "sendo o vídeo uma associação entre a imagem e o texto, facilitará a compreensão e provavelmente a retenção do assunto".

Uma das mais recentes tentativas da Administração Popular para comunicar em grande escala com o conjunto da população foi o Dia Municipal Da Prestação de Contas, realizado de forma bem criativa. Segundo Bitá, "foi organizada uma feira de projetos de realizações da prefeitura com os devidos planos de investimentos, e teve uma repercussão muito boa junto à população e à imprensa,

também. O impacto inicial pôde ser considerado como positivo", avalia Bitá, porque os projetos foram questionados e avaliados por todos. Porém alguns projetos, ainda dependem de desdobramentos políticos para serem efetivados. Bitá condiciona a efetivação destes projetos "à negociação junto às comunidades, porque todas as propostas serão discutidas com entidades representativas destas comunidades".

Nesta ocasião, a Central de Produção pôde registrar, com o equipamento de vídeo próprio, alguns momentos, cujas imagens poderão subsidiar a confecção de novos produtos. Como exemplo, Bitá, cita, o projeto Humaitá, "onde as pessoas estão sendo convidadas a discutir a situação daquele bairro. Toda a vez que chove forte, aquela zona fica completamente alagada". Portanto, prossegue, "a discussão com os moradores é fundamental, porque caberá a eles decidir o que é prioritário: Se a construção de obras de saneamento básico ou a pavimentação comunitária". Bitá chama a atenção para o vídeo porque "terá o caráter orientador entre as partes combinadas". O importante, reflete Bitá, "é que estes vídeos passarão sempre acompanhados de debates entre a Administração Popular e as comunidades atingidas".

Para tornar esta experiência viável com as comunidades carentes, a prefeitura também fez a aquisição de um caminhão Multimídia. Atualmente, o caminhão está sendo utilizado, especialmente, para veicular vídeos que a prefeitura já tem prontos ou mesmo emprestados. O caminhão Multimídia, poderá se transformar, também, num cine ambulante, levando às populações carentes um pouco de cultura cinematográfica. Como explica a coordenadora do projeto Bitá Sória, "o caminhão poderá servir perfeitamente para uma sessão de cinema em praça pública".

Um projeto ambicioso e inovador, como este, demonstra que "a prefeitura não está aí para administrar o capitalismo, nem transformar a cidade numa ilha socialista, mas que a Frente Popular tem capacidade para administrar e pretende propiciar a experiência da administração direta", conclui Bitá.



Fotos Rosângela Paixão

Bitá Sória: Coordenadora do Projeto

Informação Transparente

Desenvolvendo projetos de Comunicação Social, a Administração Popular, está inovando o modelo de transmitir as informações sobre os trabalhos prestados por ela à comunidade que a elegeu. É a **Glasnost** de Olívio Dutra. Com dois anos de Administração Popular foram criados vários produtos e serviços para sanar uma virtual falha que poderia haver nessa relação. Segundo Bitá Sória, da Coordenação de Comunicação Social da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, responsável pela Central de Produção, "são projetos que fogem completamente a experiências em comunicação de administrações anteriores, que seguiam uma lógica clientelista".

Prevendo problemas com a comunidade em termos de comunicação, a prefeitura tentou se resguardar. Nos meios de transporte coletivo, por exemplo, a Administração Popular se relaciona com os rodoviários, através de uma publicação mensal chamada de Corujão. Esta publicação, como explica Bitá Sória, "surgiu no bojo da intervenção da prefeitura nos trans-

portes coletivos, devido a necessidade de se conversar com motoristas e cobradores, além da possibilidade da prefeitura, também, relacionar-se com as empresas sob intervenção como a VTC, Trevo, Sopal e a própria Carris que é do município".

Já Porto Alegre Agora, é um jornal tabloide com quatro páginas, cuja tiragem, estima-se seja a maior do estado, de 300 mil exemplares e que pretende comunicar a toda a população de Porto Alegre sobre os planos e políticas que são estabelecidas pela Administração Popular, nas diversas áreas. De acordo com Bitá Sória, "a necessidade de se produzir um jornal institucional, surgiu de uma relação política frágil entre a prefeitura e a grande imprensa". Segundo Bitá, "é uma relação um pouco descontrolada, no sentido de que, todos sabemos como age a grande imprensa porque todos somos oriundos dela e na medida que servimos a monopólios da informação o emprego também faz com que submetamos nossa consciência".

Os Equipamentos

Todo o equipamento da linha Super VHS da JVC foi importado do Japão por US\$ 20 mil dólares (no câmbio paralelo esse valor equivale a Cr\$ 2 milhões de cruzeiros). E é composto por duas unidades: sendo, uma de gravação, com uma câmera VHS camcorder, a mesma utilizada pela TVE, cuja definição de imagem é muito boa e a outra de pós-produção, com dois vts Super VHS (um play e um rec) e uma mesa de edição para efeitos como a fusão e o cromaqui. Além destas duas unidades, foi importado, também, um editor (espécie de controle remoto computadorizado) que marca a entrada da fita ou do áudio.

Porém, para a implementação definitiva da Central Municipal de Vídeo faltam, ainda, monitores e o TBC, equipamento que permite usar a mesa de efeitos para fazer a cópia em U-MATIC, sem que haja perda da qualidade nas imagens. Segundo Amabile Rocha, a Mabi, responsável pela Central Técnica de Vídeo "estes componentes que estão faltando podem ser adquiridos aqui mesmo, não havendo a necessidade de importar". Por enquanto, só a câmera VHS camcorder foi testada, para um trabalho de reportagem e entrevistas aproveitando o ato público em comemoração ao "Dia Municipal de Prestação de Contas", o qual futuramente, se transformará em um documentário.

Para a implantação definitiva da Central Municipal de Vídeo, falta concluir as instalações, onde funcionará a Central. Mabi, explica que, "o ambiente deve ter uma temperatura constante, em torno de 19 graus centígrados, para não prejudicar as condições técnicas dos equipamentos". Mas que dentro de 30 ou 40 dias, no máximo, estará tudo pronto.

• Rosângela Paixão



Caminhão Multimídia: vídeo e som

três X quatro

Jornal-laboratório dos alunos do sétimo semestre do Curso de Jornalismo da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Segunda edição do segundo semestre de 1990, elaborado pela turma de Produção e Difusão de Jornalismo Gráfico, sob a coordenação dos professores Aníbal Bendati e Pedro Maciel.

Participam desta edição: Aline Carvalho, André Barrionuevo Ronnau, Elbio Marcelo Oliveira da Silva, Fanny Maggy Gareca Rendon, Leandro

Debom Steiw, Luciana Pellin Mielniczuck, Rosângela Fortini Paixão, Saulo de La Rue e Sergio Gonçalves Macedo Júnior.

Chefe do Departamento de Comunicação: Ricardo Schneiders da Silva. Diretor da Faculdade: Blásio Hickmann.

Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação: rua Jacinto Gomes, 540, Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

Composição e Impressão: Gráfica da UFRGS.

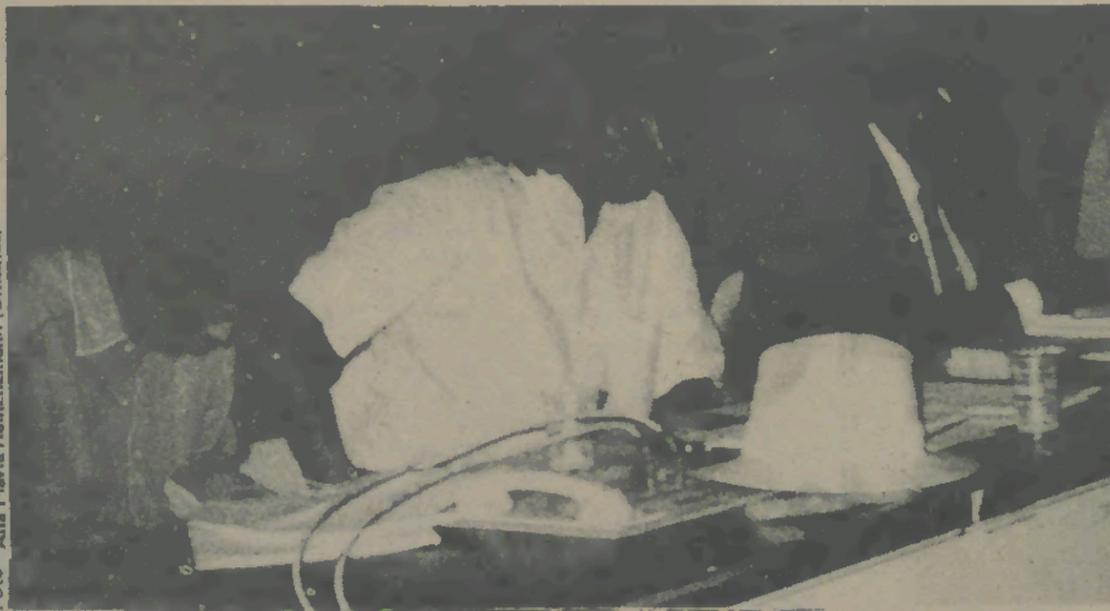
INTERCOM

Encontro critica a TV Brasileira

O padrão ético e cultural da Televisão Brasileira não está de acordo com o seu nível técnico. A constatação foi unânime entre os palestrantes do DécimoTerceiro Encontro da Sociedade de Pesquisa Interdisciplinar na Comunicação (INTERCOM), realizado de 6 a 9 de setembro na Universidade Estadual do Rio de Janeiro. O INTERCOM teve a participação de mais de 300 pessoas. Os estudantes foram maioria absoluta entre os que compareceram na UERJ, já que poucos professores acompanharam as discussões.

Os 40 anos da TV no Brasil mereceram análises de gente com experiência nela, e não tanto de pesquisadores. Um dos mais respeitados destes, Muniz Sodré, professor da UFRJ, disse que a TV aqui é uma máquina de não-cultura e de vulgarização da arte. "O essencial para a comunicação televisiva no país deve ser estimular o ensino básico", afirmou Sodré.

Arthur da Távola, apresentador da TVE no Rio de Janeiro e Deputado Federal, diferenciou os padrões tecnológico, mercadológico, artístico e ético-cultural. Távola, que também é cronista, considerou que se as emissoras comerciais brasileiras estão entre as melhores do mundo nos três primeiros aspectos, deixam muito a desejar quando se trata de contribuir



Muniz Sodré (à esquerda de óculos) e Arthur da Távola (de gravata) no encontro oficial...

para a formação de uma cidadania moral e politicamente elevada. "Com as tevês educativas ocorre o contrário", acrescentou.

PREVISÃO

Fernando Barbosa Lima, que produziu vários programas jornalísticos de sucesso na Globo, na Manchete e na Bandeirantes, disse que a Televisão Brasileira até o golpe militar de 1964 era criativa pelo improviso, embora houvesse

amadorismo na programação local e regional. Uma das consequências do regime instaurado após aquela data foi o desmantelamento da primeira rede nacional, a Excelsior. Mário Simonsen, seu proprietário, precisou fugir do país.

"A estética e a forma ganharam com as novas redes, mas o conteúdo, fora alguns momentos, foi pro beleléu", afirmou Barbosa Lima. Ele lembrou uma frase do cineasta Glauber

Rocha: "A TV vai ser a guardiã da democracia". Segundo Barbosa Lima, alguns procedimentos do candidato vitorioso nas recentes eleições presidenciais, respaldados pela Rede Globo deram mais uma prova da precipitação de Glauber. O criador do Cinema Novo opinou sobre a TV no final dos anos 50. Acreditando no entanto que a previsão de Glauber ainda possa se tornar realidade, Barbosa Lima sugere que as emissoras veiculem 20% de produção local e 20% de

programas de utilidade pública, como de medicina preventiva, por exemplo.

MONÓLOGO

Fernando Santoro, coordenador da Tve dos Trabalhadores (TVT) em São Paulo, que produziu os programas do candidato Luís Inácio Lula da Silva na Campanha Presidencial do ano passado, considera que os "setores progressistas precisam ocupar espaços alternativos como a TV a cabo com programação de qualidade. O alternativo não pode ser precário, embora nossos padrões não possam ser os mesmos do Primeiro Mundo", acrescenta.

E programação alternativa (ler matéria abaixo) foi o que não faltou no INTERCOM. Uma das explicações para a busca de outros debates pelos estudantes foi, sem dúvida, a impossibilidade de usarem a palavra após as palestras. Espera-se que essa dinâmica mude no próximo INTERCOM, que será na PUC do Rio Grande do Sul e vai tratar da Comunicação na América Latina, dentro do processo de integração do continente. Outro problema: nenhuma das principais redes de TV cobriu o evento. Como será aqui?

"INTERCOM do B" agradou

A Secretaria Nacional dos Estudantes de Comunicação (SECUNE) organizou um ciclo de palestras chamado "INTERCOM do B", nos mesmos dias de discussões sobre a tv no país. Os diretores da entidade, nascida no Encontro Nacional dos Estudantes de Comunicação em São Luiz no mês de julho, lembram com humor a divisão dos comunistas ocorrida no início dos anos 60, no Brasil, e prometem que o evento vai se repetir.

Segundo Flávio Tavares, tesoureiro de SECUNE e aluno de Jornalismo da UERJ, a idéia surgiu pela falta de apoio dos dirigentes de INTERCOM ao trabalho dos centros acadêmicos das faculdades onde os encontros se realizam. Tavares diz que isto demonstra e quanto é mal vista a participação dos estudantes pelos que comandam a entidade atualmente.

O INTERCOM do B discutiu as emissoras livres de Rádio e TV e o jornalismo informativo como uma nova forma de conhecimento. As palestras foram assistidas sempre por mais de 40 estudantes e até duas pesquisadoras da USP apareceram para ouvir Nilson Lage explicar a concepção de jornalismo sistematizada em linhas gerais por Adélmo Genro Filho. Cada grupo de estudo do INTERCOM reuniu no máximo 30 pessoas.

Felizes com o sucesso do INTERCOM do B, os membros da Secretaria de Comunicação, que é vinculada à UNE mas mantém autonomia para suas iniciativas, confirmam a realização de um Conselho ampliado dos centros acadêmicos de Comunicação na USP, durante a segunda quinzena de janeiro. O próximo encontro nacional dos estudantes do curso está marcado para a segunda semana de julho, em Curitiba.



e a animada platéia do "outro" evento

PALESTRAS

Beti Formaggini, do Comitê pela Democratização da Comunicação, defendeu o princípio de que qualquer cidadão deve ter direito ao uso de ondas eletromagnéticas. Segundo ela, experiências como a TV Cubo de São Paulo, que transmite programas com linguagem ousada na região de Pílhelos, e a TV Viva de Recife, que veicula programação produzida pelo movimento feminista na capital pernambucana, mostrem o quanto a sociedade civil pode se mobilizar para se comunicar sem qualquer interferência governamental.

A palestrante revelou que o fórum do qual faz parte vai pressionar o Congresso Nacional para que sejam regu-

lamentadas leis que combatam os monopólios de TV e Rádio. Diversos sindicatos estaduais de jornalistas e radialistas, além de entidades organizadas por músicos e atores no eixo Rio-São Paulo têm voz ativa no Comitê pela Democratização da Comunicação. As rádios livres, que chegam a mais de duzentas no Brasil, continuarão a ser incentivadas no sentido de funcionarem sem autorização prévia.

TEORIA

Nilson Lage, professor do Departamento de Jornalismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, falou sobre a visão de Adélmo Genro Filho acerca da informação jornalística. O pensador marxista, que morreu em

1988, concluiu em sua tese de mestrado em sociologia que ela seria uma nova forma de conhecimento, tal como a ciência e a arte.

Lage explicou que as concentrações urbanas e as relações que elas aceleraram, ao longo do desenvolvimento do capitalismo, criaram a necessidade de um novo tipo de saber. Na perspectiva adelmiana, este conhecimento se cristalizaria na singularidade do fato. Ou, em outras palavras, naquilo que um acontecimento possui de único, de diferente em comparação com outros da mesma esfera. Ao jornalista, porém, cabe contextualizar o fato, estabelecendo conexões deste com os processos que o tornam real.

• Marcelo Dorneles Coelho

Entidade tem sede na USP

A Sociedade de Pesquisa Interdisciplinar na Comunicação foi fundada em 1977 e tem sua sede na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. O atual presidente da INTERCOM é Manuel Chaparro, professor naquela faculdade. O endereço é ECA/USP, Rua Professor Lúcio Martins Rodrigues, 443, Bloco A, Sala 1. Cidade Universitária, Butantã, São Paulo. O telefone para contatos é (011) 813-3222, ramal 2088.

A entidade conta com cerca de 600 associados. Eles não estão só nas universidades, mas também em organizações sindicais e religiosas. A INTERCOM publicou mais de 60 cadernos, que contêm artigos de diversos autores sobre os temas discutidos em seus encontros.

Entre os assuntos já debatidos pela INTERCOM destacam-se os programas de entretenimento na Televisão, o uso das emissoras de Rádio para fins educativos e as Indústrias Culturais. Este último tema foi pauta da reunião da sociedade no ano passado, em Florianópolis, na Universidade Federal de Santa Catarina. No encontro realizado na UFSC, a participação de professores foi maior do que neste ano, embora os estudantes constituíssem a ampla maioria dos presentes ao evento.

INICIATIVAS

Contigo explora Porto Alegre

18 de outubro de 1990. Novidades, mitos, personagens, bastidores, novelas. Nas bancas de todo o Estado 40 mil exemplares da revista Contigo. Com ela, um encarte ou suplemento quinzenal, o primeiro número da Contigo no Rio Grande do Sul. Vem com linguagem simples, textos curtos e fotos de qualidade, e nas suas 16 páginas, mostra um pouco da cultura gaúcha e revela as novas faces do comércio. Os responsáveis por este projeto são a Editora Azul de São Paulo, a Print-Sul representante de revistas no mercado gaúcho e a Escriba, microempresa de jornalismo.

"A Contigo no Rio Grande do Sul pretende explorar uma faixa de jornalismo que não se tentou ainda", explica uma das donas da Escriba, a jornalista Rosina Duarte. "Porto Alegre, é um território inexplorado. Existe um mundo, uma história, uma vida que não é contada porque não existe um veículo para tal. Jornal não é para isso porque se preocupa com assuntos polêmicos e não vão a fundos neles. Matéria de

comportamento são leves, são crônicas do cotidiano", complementa.

Ricardo Rosa, gerente da Print-Sul e responsável pelos anúncios do suplemento, é da mesma opinião. Afirma ainda que além do suplemento ser pioneiro tem tudo para tornar-se completamente viável economicamente. Com a experiência de quase três anos no mercado, Rosa diz que "o custo dos anúncios no encarte é baixo, prova disto é que logo no primeiro número se tem 54 anunciantes. Porém, todo este trabalho está baseado numa pesquisa realizada, em junho, pela Editora Azul".

A pesquisa citada por Ricardo Rosa apresentou dados importantes para a elaboração do perfil da revista, confirmou que o público de Contigo é basicamente feminino e ao contrário do que se pensava, não é só a classe C.

Um alto número de leitoras se concentra na classe B e é formado por mulheres entre 20 e 30 anos.

PRODUÇÃO DE PAUTAS

O suplemento do Rio Grande do Sul é diferente da revista. "A estrutura da Contigo é toda direcionada ao show business de São Paulo e Rio, ao estrelato da televisão para fazer fofoca. Como Porto Alegre não tem tudo isso, o enfoque do encarte é diferente, é voltado a matérias de comportamento e serviço", afirma Ricardo Rosa.

Esta diferença de objetivos cria uma dificuldade entre a redação de São Paulo e as jornalistas responsáveis pelas matérias na capital gaúcha. "Os editores da Contigo estão acostumados com matérias ligadas a artistas, não têm qualquer tipo de informação sobre o que é uma matéria de comportamento", afirma Rosina Duarte. Além disso, os responsáveis pela comercialização aqui, no Rio Grande do Sul, tentam logicamente colocar assuntos ligados aos anúncios. O que é natural".

O problema básico diz a jornalista é a estruturação das matérias. Estas são enviadas para São Paulo pré-editadas, chegam lá duas semanas antes de ir para as bancas e nesse espaço de tempo podem ser escritas para facilitar a diagramação. Isto aconteceu no primeiro número do suplemento. A matéria sobre o Jardim Botânico pré-editada para ser secundária "foi escrita e colocada como matéria de capa". Segundo Rosina "foi um desastre porque o modelo de redação paulista é diferente do gaúcho. É pouco criativo".

Não pode se afirmar que alterar as matérias seja um procedimento normal nas redações paulistas, isto só poderá ser avaliado no futuro. No entanto, a sucursal de Porto Alegre já fez uma lista de sugestões de pauta que deverá ser definida pela Editora Azul.



contigo
no
Rio Grande do Sul
SUPLEMENTO QUINZENAL

Divulgação/ 3X4

Jardim Botânico

O PULMÃO VERDE DE PORTO ALEGRE

Um suplemento para conquistar os gaúchos

As leitoras de Contigo

Uma pesquisa feita pela revista Contigo revelou que 87% de seu público leitor é feminino, 63% são solteiras e descasadas e 40% pertencem às classes A e B. A faixa etária de 70% das leitoras da revista está situada entre 15 e os 29 anos e 71% delas tem uma renda familiar acima de Cr\$20 mil mensais. O nível de instrução de 41% das leitoras de Contigo é de segundo grau completo (29%) e universitário e mais da metade delas (53%) desempenham atividades remuneradas. ● Maggy Gareca

Perfil da leitora

Segundo a pesquisa realizada pela editora Azul, no mês de junho, a leitora da revista Contigo é uma mulher com valores tradicionais, voltada para a família. Seu "alimento" é a música e a ficção. Seu equilíbrio emocional, necessário para a sobrevivência no dia-a-dia, vem da relação solitária com veículos impressos e eletrônicos e não dos "agitos" da vida noturna. Dificilmente gosta do pensamento abstrato que não seja acompanhado da foto ou ilustração.

A pesquisa acrescenta ainda, que a leitora de Contigo é vaidosa, preocupa-se com seu corpo, sua beleza e saúde. Frequenta lojas de departamento e supermercados. Prefere andar e correr e praticar esportes. Frequenta, também, clubes e parques, viaja pouco nos fins-de-semana. É supersticiosa, ávida por previsões e deixa-se levar por sentimentos místicos, espirituais e religiosos.

As mulheres que compram a revista Contigo, conclui a pesquisa, tem a família como centro de suas preocupações e atenções. A mídia e a música são seus grandes canais de descarga. Enfim, para a editora Azul, "Marketing de massa é uma questão de emoção".

Alunos mostram capacidade

"Está no ar Por Volta do Meio-Dia, boletim informativo universitário, de estudante para estudante". Foi com essa abertura que em outubro de 88 o Por Volta do Meio-Dia foi ao ar pela primeira vez na Rádio da Universidade. Na época eram poucas as pessoas a acreditar que o programa chegaria à segunda edição. Atualmente o Por Volta, como é chamado pelos estudantes, continua indo ao ar semanalmente, todas as segundas-feiras às 12h e 35 min.

A iniciativa de criar o programa de rádio foi de um grupo de alunos que em 88 estava entre o segundo e o quarto semestre. Sua proposta era a de criar um canal de informação entre os estudantes da UFRGS, utilizando a Rádio da Universidade como laboratório (o estúdio de rádio da FABICO só foi inaugurado neste semestre) e proporcionar uma aproximação entre os estudantes e a Rádio através de um programa que atendesse aos interesses estudantis.

Foi preciso que passasse mais de um ano para que os alunos da FABICO se convencessem de que projeto de aluno também pode dar certo, assim como o Por Volta, e tomassem coragem para abraçar outras iniciativas. Surgiram, então, no semestre passado o Correndo Risco, um jornal, e o Nexo, o Núcleo Experimental de Criação. As três iniciativas têm muitas coisas em comum, por exemplo, são extracurriculares e não possuem vínculos com disciplinas, entidades ou departamentos da faculdade. Elas

ainda caracterizam-se por estarem abertas à participação de qualquer estudante, pois seus integrantes não pretendem restringi-las a um determinado grupo, para que estas não acabem quando o grupo se formar ou desistir da idéia.

Uma das razões, segundo Lenara Verle, que motivou os alunos a criar o Nexo é que até o terceiro semestre não existem cadeiras práticas, assim os alunos procuram sanar esta deficiência de outra forma. O Nexo, uma agência experimental de publicidade, funciona com os trabalhos que os alunos de publicidade prestam tanto para setores da Universidade quanto para outras entidades. Os serviços gráficos são feitos na própria Gráfica da UFRGS e os alunos podem utilizar as instalações da Gráfica quando necessário.

Desde o surgimento do Nexo, no início do ano, os futuros publicitários estão constantemente envolvidos com dois ou três trabalhos em mídia, porém o lucro é todo reinvestido. Seus membros dizem que esta agência experimental é uma oportunidade para aprender e poder montar um portfólio. Isso tudo futuramente vai ajudar na hora de procurar um emprego, já que ter experiência é fundamental, diz Lenara.

Com um pouco menos de sorte, ou melhor, com mais dificuldades o jornal Correndo Risco está para lançar seu terceiro número, assim que foram conseguidos recursos. Também

surgido no início do ano, o Correndo Risco se propõe a veicular a produção dos estudantes da faculdade. Os coordenadores, é como o pessoal do jornal se considera, dizem apenas possibilitar a existência do mesmo. Segundo Rodrigo Barradas não existe identificação ideológica com nada, a única coisa que há em comum entre os coordenadores é a vontade de fazer um jornal na FABICO. Ele diz que o conteúdo do Correndo Risco é um reflexo da participação dos alunos, pois a revisão dos textos é apenas ortográfica e se um texto deixa de ser publicado é por questão de espaço.

O maior problema do jornal tem sido os custos para a sua impressão. O primeiro número foi financiado pelo DACOM e por alguns alunos, o segundo pela faculdade, e para viabilizar o terceiro os coordenadores estão se mobilizando para conseguir patrocínio. Paralelo à venda de publicidade está se tentando transformar o Correndo Risco em projeto de extensão universitária e com isto conseguir verbas junto à PROEXT — Pró-Reitoria de Extensão Universitária —, diz Vítor Necchi.

Obter verbas junto à PROEXT para cobrir os gastos com a produção — já foram conseguidas 500 folhas de ofício e 50 cópias mensais — e realizar uma pesquisa para saber qual a opinião dos estudantes da UFRGS sobre o programa são alguns dos objetivos mais imediatos do Por Volta do Meio-Dia, que nestes

dois anos já conquistou uma posição reconhecida.

Segundo Renato Wolff passaram pelo programa mais de 40 alunos. Ele atribui o interesse ao fato de que nas disciplinas curriculares os trabalhos são apenas simulações, e com o Por Volta a situação é diferente: o programa tem que ir ao ar e não dá para entregar a matéria na outra semana. Além disso ninguém é obrigado a participar, quem procura é por quem realmente está interessado.

Como a equipe não é fixa, o programa assumiu características bastante diferentes com o passar do tempo. Renato diz que atualmente a parte editorial do programa ao contrário de antes possui um caráter opinativo, o que não significa ser panfletário ou recorrer aos chavões para expor idéias.

A tentativa de conseguir um espaço na faculdade onde o pessoal do Nexo, do Correndo Risco e do Por Volta possa trabalhar e guardar com segurança o material que costuma utilizar é outro ponto em comum entre as três iniciativas. Enquanto não conseguem um lugar próprio a solução é continuar se encontrando pelo bar, no DACOM ou na biblioteca, afinal este é só mais um problema a ser enfrentado, e parece não ser o maior deles.

● Luciana Mielniczuck

DISTRIBUIÇÃO

Circulação de jornais: profissão para quem entende de mercado

Newton Danilo Sardá trabalha como coordenador de distribuição no Jornal Zero Hora. Sua tarefa consiste em atender a demanda de milhares de leitores em diversos estados e no Uruguai, único país a receber Zero Hora diariamente. Faz quase dez anos que ele se dedica exclusivamente à Circulação — a última etapa na produção de jornais — uma área que exige conhecimento de mercado, e muita experiência.

A morte de pessoas conhecidas faz crescer a venda de jornais. Principalmente em cidades do interior. Esta informação é fruto da sabedoria que Sardá vem acumulando em sua profissão: ela evita que o jornal "encalhe", ou seja, a devolução de jornais para a empresa como prejuízo porque não foram vendidos nas ruas e nas cidades: "Um encalhe considerado bom deve ficar em torno de dez por cento. Atualmente estamos um pouco acima, um encalhe considerado médio, acima ainda de nosso ideal".

Mas nem tudo são lágrimas. O jornal Zero Hora vende como nunca. Sardá dá as dicas para uma edição se esgotar:

"Os caminhões que transportam jornal devem sair da empresa no máximo à meia-noite, para chegar cedo nas cidades do interior, levando as notícias ainda "quentes" para as pessoas poderem se informar. Para tanto, o jornal tem de "fechar" na montagem de páginas ainda antes das onze e meia da noite.

Também é importante que o jornal esteja completo, isto é, os vários cadernos que compõem a edição do dia não podem faltar. Isto requer um controle severo na tiragem da rotativa e na contagem dos jornais. Parece engraçado, mas o público dá grande importância para suplementos como a "Revista da TV", res-



Banca de jornais: uma vitrina sem vidros

ponsável em parte pela enormes vendas que Zero Hora tem no domingo. São feitos estoque reserva de cadernos para suprir eventuais aumentos nas tiragens.

Sardá lembra que os diferentes dias da semana propiciam vendas diferentes, e que as quantidades de exemplares rodados são baseadas nas vendas feitas no dia da semana anterior. O jornal de domingo é o de maior número de vendas, seguido pelo de segunda-feira (por causa do Caderno de Esportes e Classificados). Já o jornal de sábado, com poucas páginas, é o "lanterninha", pois sofre a concorrência do jornal de domingo, que é distribuído ainda no sábado.

Para as pessoas que trabalham na distribuição de jornais, trabalhar na noite pode propiciar histórias engraçadas: Sardá lembra que uma das peculiaridades da profissão é o convívio com os alcóólatras, que vagam à noite em busca de companhia e confusões — e além dos bares, somente a rampa de distribuição e embarque de jornais permanece animada ao longo da noite.

PROFISSIONAIS DE VENDA

O presidente do Sindicato dos Vendedores de Jornais e Revistas no Estado do Rio Grande do Sul, Ernesto Perei-

ra da Silva, diz que Porto Alegre é uma cidade sui generis em termos de venda de jornais. É a única capital brasileira que vende periódicos em frutelas, bares e tabacarias, somando 480 postos de venda. Não computados nesta soma as 200 bancas de jornais que atuam no centro e na periferia da cidade. A Secretaria da Produção Indústria e Comércio fiscaliza as bancas de jornais, impedindo que o número de bancas que atuam no centro de Porto Alegre aumente, prejudicando o projeto de urbanização da Prefeitura.

"A profissão de vendedor de jornais em banca é uma profissão familiar", concluiu seu

Ernesto P. da Silva. Por que é uma profissão que passa de pai para filho. Geralmente, enquanto um familiar vai buscar as revistas, outra pessoa da família vai abrir a banca, para pegar os fregueses que trabalham de manhã cedo. Da mesma forma, as pessoas que trabalham em banca contam com os distribuidores de jornais, pois muitos deles possuem até a chave da banca, para poder abrir e colocar dentro os jornais na hora que chegam. Atualmente, o presidente do sindicato está lutando para que a profissão seja reconhecida, já que a regulamentação está em pauta no Congresso Nacional, em Brasília.

• André Barrionuevo

Como funciona a distribuição de revistas em Porto Alegre

Ricardo Carlos Torres, 22 anos, segue a mesma profissão do pai, Armando Emerin Torres, que há 25 anos trabalha na Distribuidora Porto Alegre de Publicações, como representantes de editoras de São Paulo aqui no sul. Eles detêm a distribuição da Editora Abril (subdividida em Editora Azul e a C.L.C.), Edíouro e Editora Saber. A Distribuidora Porto Alegre de Publicações funciona de forma autônoma, recebe 18% so-

bre o preço de custo do periódico, e repassa 25% sobre o preço de capa ao jornaleiro da banca. Para quem estiver interessado em adquirir uma publicação que já estiver esgotada nas bancas, ou algum número atrasado de sua coleção, a Distribuidora mantém uma "lojinha" dentro de suas dependências na Rua dos Andrades, 738. O preço de um número atrasado equivale ao preço de capa do último exemplar nas bancas.

Já as publicações das editoras Bloch e Rio-gráfica têm outro distribuidor em Porto Alegre. Fica na Rua Bento Martins nº 60, próximo, também, da Distribuidora Porto Alegre. Trata-se da Distribuidora Salvador La Porta. Como a própria propaganda diz, suas publicações atingem a um público mais específico, cobrindo as áreas de Decoração, Culinária, Moda, Camping e técnicas domésticas. A Editora Bloch se diferencia da Editora

Abril Cultural, onde o público é mais generalizado. Também na Rua Bento Martins fica o "Monteiro", de propriedade de José Rodrigues Monteiro, há 4 anos adquirindo números atrasados de revistas e fascículos, para colecionadores que têm suas coleções atrasadas. Destes 4 anos, 20 foram dedicados a vendas em bancas. Hoje ele detém este comércio singular e de grande utilidade para o público, com um rendimento superior a

qualquer outra banca de revista. A desvantagem, é não poder repassar os números encalhados para as editoras, mas existe uma clientela fixa para os números atrasados. Para quem estiver interessado em completar sua coleção, o Monteiro fica na Rua Bento Martins, nº 182. Os números atrasados são vendidos pelo preço de capa do último lançamento da revista, sem qualquer valor adicionado.

ENTREVISTA

Desenho e humor no sangue

Carlos Henrique Iotti, 26 anos, "gringo" natural de Caxias do Sul, veio para Porto Alegre aos 16 anos em busca de um lugar no Coojornal. Acabou se formando em jornalismo na FABICO e tem diversos trabalhos publicados na área dos quadrinhos.

Como começou a tua carreira de cartunista?

Na verdade, eu não tenho bem o dia que começou a carreira. Eu tinha muita vontade de ser desenhista, desde piá. Eu olhava os desenhos de cartuns de Edgar Vasques, do Santiago e dizia pra mim mesmo: eu quero ser uma coisa dessas. E eu sempre gostei de desenhar. Pois é, depois o meu sonho era trabalhar no Coojornal, que era superbem ilustrado, tinha vários cartunistas e eu achava a linha do jornal superbem também: um jornal bem independente, bem diferente daquilo que era a imprensa na época. Só que eu cheguei tarde: no dia que eu cheguei no Coojornal casualmente eles estavam levando as mesas, tinha acabado de falir a merda, eu chegando com as pastinhas com os desenhos embaixo do braço e os caras levando as mesas embora. Foi uma cena que eu acho das mais ridículas... Mas tudo bem, é o que eu sempre digo: a minha vida é um pastelão, acho que quem fez o roteiro dela foi algum humorista...

"A minha vida é um pastelão"

Qual foi o teu primeiro trabalho profissional com quadrinhos?

Eu comecei como profissional, ou seja, recebendo alguma coisa pra desenhar, no Jornal de Caxias, que era um semanário (agora não existe mais). Eu publicava uma charge política, na página dois. Antes disso, eu publicava alguns desenhos na extinta Folha da Tarde, numa seção de novos que tinha aos sábados. Em 81, eu passei a morar em Porto Alegre — eu fiz vestibular na FABICO — e então eu já fiquei mais ou menos nesse meio, já conhecia os meus ídolos, que eram o Santiago, o Edgar e um monte de pessoal que trabalhava com cartum, com charge.



Sérgio Macedo

E assim foi indo, eu era muito metido (aliás, sou, ainda)... Uma vez o Santiago me fez um elogio que eu considero um dos mais arrasadores do mundo: na terceira vez que eu fui à casa dele — eu levava erva-mate para dar de presente, sabia que ele era meio gaudério — ele me olhou e olhou pros meus desenhos e disse: "eu vou te dizer uma coisa com sinceridade (eu achei que ele ia me elogiar): tu é o cara mais persistente que eu conheço". Depois, em 82, eu fui pro Pioneiro, trabalhei durante uns quatro, cinco anos lá. E aqui, em Porto Alegre, eu trabalhei em outros jornais, como o Tchê, o Denúncia. Tudo que era jornal alternativo eu me metia.

Como surgiu o teu interesse pelo desenho?

Desde piá eu já tinha aquilo que as professoras diziam que era o "dom" do desenho. Eu tenho uma bronca com isso aí, mas tudo bem. Eu sempre gostei de desenhar e, olhando o Coojornal e uns livros de cartuns, eu vi que era aquilo o que eu queria. Eu sempre tive uma veia cômica muito saliente — no colégio, eu botava apelido em todo mundo, sempre galinhando, acabava parando na direção — e eu achei que era uma boa maneira de juntar o inútil ao agradável, o humor com o desenho. Daí o cartum, a charge e ago-

ra, mais recentemente, eu descobri que é na história em quadrinhos, na tira, que eu consigo realmente juntar as duas coisas que eu mais gosto, que é desenho e humor.

"Com os quadrinhos juntei o inútil ao agradável"

Quantos livros tu publicastes?

Nossa... eu nem sei. Bom, as datas eu não sei direito (eu sou horrível em datas). Em 86, eu fiz o primeiro, que é o "Ted Fagundes e outras histórias de sexo, drogas e vanerão". Depois, eu fiz o "Radicali e outras histórias", a metade do livro era o Radicci e metade era Geração Astral. Os dois são coletâneas e saíram pela Tchê. Depois, teve uma empresa lá de Caxias que me encomendou um serviço: eu fiz a história da imigração italiana em quadrinhos. Esse livro se chama "Demo Via", foi feito em 88, mas não está à venda, porque foi um brinde de fim de ano dessa empresa. Depois, eu fiz

o "Frederico & Fellini", pela Editora Sulina, no ano passado, que está à venda (compre!). É uma coletânea das tiras que eu publiquei no Diário do Sul. E tem, também, um livro que foi brinde de fim de ano da Estúdio Uno Propaganda, que é "Deus & o Diabo", a dupla de criação". É uma gozação em cima da propaganda. Por exemplo, tem uma tira em que Deus disse "faça-se a luz" e o Diabo inventou a conta de luz. E é por aí... só besteira. E ainda tem o Bancomeu, que é uma coletânea de um personagem criado especialmente para o Sindicato dos Bancários.

"Eu sou horrível em datas"

Além do cartum e da charge, tu tens outra atividade com desenho?

O trabalho paralelo ao cartum, à charge é o trabalho de designer gráfico. Eu fui estagiário do Joaquim da Fonseca, com quem eu dividi um espaço depois. Era para ser durante um mês e eu acho que fiquei uns três ou quatro anos. Então, eu desenvolvi esse lado, que é a área de comunicação visual, design gráfico. Depois, eu dei aula na UFRGS nessa área. Foram três cadeiras: Projeto Gráfico, Processos Gráficos e Produção Gráfica. Atualmente, eu estou me dedicando mais ao quadrinho, ao desenho de humor, porque tem mais coisas para fazer. Eu estou trabalhando em dois jornais: na Zero Hora e na Folha de Hoje, de Caxias. Na Zero Hora, saem tiras aos domingos e na segunda, e domingo sai "Deus & o Diabo", também. Na Folha de Hoje é um trabalho diário de charge na página dois e na página de esporte, além da tira diária. No fim de semana, tem um encarte, que se chama "Filho da Folha", que são oito páginas, o qual eu edito. É um encarte que não é infantil, é "Infantilóide-juvenil", apesar de ter alguns leitores que são crianças, eu não posso proibi-los de ler, talvez eles às vezes não entendam alguma coisa, mas, porém, contudo...



Observação da realidade cria o personagem

Radicci, Red Fagundes, Deus & o Diabo. Estes e outros personagens do Iotti não surgiram do nada. "Eu sou apenas um observador da realidade", argumenta o autor quando indagado sobre o processo de criação de seus personagens. E avisa: "Essa é uma pergunta que eu temo em qualquer lugar que eu vou. Na verdade, eu não sou um teórico sobre o assunto; eu não sei, às vezes, nem o que dizer". O importante é que este é um processo ininterrupto, não existe um momento específico para o surgimento de uma idéia.

— Mesmo quando eu não tenho nada para fazer, a cabeça fica pensando. Então, normalmente eu ando com uma agenda à mão, ou um lápis, ou uma caneta para ficar anotando estas idéias, estas besteiras que podem vir no momento mais imbecil, mais inoportuno, em que tu estejas fazendo uma coisa muito mais importante.

Além destes instantes de lucidez, também contam as influências de outros artistas. "As influências existem sempre. Qualquer desenhista tem um guru, um cara que ele acha que é o mais legal. A gente sempre se baseia em um ou outro, mas depois tu te libertas disso e segue a tua linha própria". Iotti destaca entre os seus preferidos Renato Canini, "eu sempre achei o traço dele muito bom", e Angeli, "outro cara inegável". O cartunista uruguaio, "mas que trabalha a quatrocentos anos na Argentina", Tabaré, é outra das preferências.

— Ele tem um humor bem escracho, bem grotesco, um desenho que parece umas coisas nojentas, uns bonequinhos com uns narigões compridos que eu gostava muito. É uma bobagem completa.

Ele cita ainda, os gaúchos Edgar Vasques e Santiago. "E outros que a gente nem se lembra, mas que é influenciado. A gente está sempre olhando as coisas e sendo influenciado, às vezes mesmo sem saber".

• Aline Carvalho/ Leandro Steiw



SOGIPA F. M.

A rádio-Sociedade chega ao futuro

A história do rádio brasileiro começou com as rádios-sociedades, emissoras mantidas por pessoas que pagavam mensalidades para sintonizar a programação. Uma versão moderna de rádio-sociedade está nos 98.3 do dial desde o dia nove de julho passado. É a Sogipa FM, emissora da Sociedade de Ginástica Porto-alegrense (SOGIPA), entidade gaúcha com 123 anos de existência e quadro social de 35 mil pessoas. Nascida para divulgar as atividades da SOGIPA, a nova emissora busca atingir um público classe A com a sua variada e selecionada programação.

Osmar Lara é o responsável pelo Setor de Jornalismo da rádio. Ele garante que "A Sogipa FM já nasceu grande e vai crescer ainda mais. Quase a totalidade dos associados ouve a rádio. E este público participa telefonando, sugerindo, reclamando e informando. Até "furos" de notícias já recebemos do nosso ouvinte. Sempre temos o cuidado de citar as fontes das informações que recebemos. Isso faz com que o ouvinte se sinta valorizado e vista a camiseta da emissora. A camiseta da SOGIPA". Oitenta por cento da programação é música. Mas a cada hora o ouvinte recebe cinco minutos de informações. E o slogan do noticiário diz que "Sempre que a informação for notícia estaremos de volta na Sogipa FM". Para Osmar Lara outra prova de grandeza é "O experiente quadro de profissionais que faz parte do seu elenco. Nomes como o do diretor Paulo Deniz e da locutora Vera Armando, ex-RBS, podem brilhar em qualquer emissora brasileira".

Mas a história da Sogipa FM não pode ser contada apenas por



estes poucos meses em que está no ar. Existe uma experiência de três anos como rádio interna da sociedade que não pode ser esquecida. Neste tempo a programação era basicamente dedicada ao público jovem, frequentador constante da sede social. Agora porém, com 50 quilowates na antena e atingindo bem mais do que a grande Porto Alegre, a programação precisou ser adequada aos novos tempos. A ordem é atender todos os públicos. Por isso, além do fato noticiário sobre os eventos que acontecem na Sogipa e em todos os clubes sociais da cidade, são apresentados programas com entrevistas ao vivo ou com músicas para todos os gostos. Osmar Lara afirma que "Tudo é feito para aproximar a cidade da comunidade sogipana e vice-versa". A propaganda da nova emissora fala em "Mudar de Ares". E avisa o público que quando ele sintonizar os 98.3 "Vai sentir que tem novidade no ar. Sogipa FM Estéreo. Sem modismos, sem tendências, uma rádio que optou pelo bom gosto na música e na informação". Uma rádio de sociedade que, sem querer, faz a história do rádio retornar até bem perto das suas raízes.

A música por computador

Daniel Deiguel é o Coordenador de Programação da Sogipa FM. E ele explica porque está satisfeito com a resposta que o público vem dando à nova emissora: "As pessoas se comunicam, telefonando, nos atacando na rua e dizendo que estão gostando do trabalho. Note que os associados da SOGIPA formam um público maior do que o de muitas cidades do Interior. E é um público exigente. Nós aqui, ao contrário de outras emissoras, dificilmente rodamos duas vezes a mesma música. E quando isso acontece o intervalo entre uma e outra não é inferior a 12 horas". Para poder fazer isso Daniel Deiguel conta com um computador onde pode localizar cinco mil músicas diferentes. "Poderíamos rodar músicas durante três meses sem nunca repetir a mesma música", diz Daniel. Celestino Rodrigues é o responsável pela Central Técnica, onde são gravados os programas na ordem enviada pelo computador. Ele afirma que "Assim é fácil de trabalhar e a margem de erros é muito pequena".

O tipo de música tocado é bem variado mas sempre dedicado ao público classe A. Até mesmo os autores gaúchos são escolhidos entre o selecionado grupo que faz música urba-

na. Tambo do Bando, Renato Borghetti e Gaúcho da Fronteira são alguns convidados deste seleto time. Daniel afirma que "Não são aceitas imposições de quem quer que seja sobre a nossa programação. Talvez por isso poucas gravadoras nos mandam discos. Mas isso não importa. Quando queremos algum título vamos lá e compramos. E só fazemos investimentos certos".

Quando algum artista do centro do país vem fazer espetáculos em Porto Alegre, suas músicas ganham destaque na programação da Sogipa FM. Daniel afirma que "Não importa se é a SOGIPA ou alguma outra sociedade que está promovendo o evento. Para nós o que importa é manter o ouvinte bem informado. E sempre levamos em conta que não são somente os sogipanos que escutam a rádio". Apaixonado pelo seu trabalho, Daniel lembra com alegria os tempos de rádio interna, "Onde tudo era bem menor e o contato com o ouvinte era cara a cara". Mas avisa que a Sogipa FM, embora não tenha vindo para derrubar ninguém, tem a sua própria faixa de atuação. "Vimos para ficar", afirma com convicção.

• Milton Sebastião de Souza

PROFISSÃO

Leilões e codornas para vencer baixos salários

A profissão de jornalista é, atualmente, desprestigiada e desvalorizada, sendo uma das profissões de mais baixa remuneração.

Os estudantes de jornalismo, a par desta situação, receberam ainda um "presente" de fim de ano do Ministro do trabalho Antônio Magri. Magri encaminhou ao Palácio do Planalto uma proposta de extinção da exigência de registro em seu ministério para o exercício de jornalismo e outras 13 profissões (leia matéria na capa).

Aqueles jornalistas recém-formados que conseguem uma vaga no minúsculo mercado de trabalho, começam ganhando um piso irrisório de 2,5 salários mínimos. A realidade do mercado, é claro, atinge não somente os focas, mas também os experientes jornalistas que há algum tempo já encontraram seu lugar no mercado. Vários deles desempenham ou gerem alguma atividade paralela ao jornalismo, às vezes por hobby, mas principalmente para dar um "estímulo" a suas rendas mensais.

Os irmãos Sílvio e Luís Henrique Benfica são um bom exemplo. Os dois trabalham no departamento de esportes das rádios Gaúcha e Guaíba respectivamente. Há apenas quatro meses eles montaram uma pequena malharia caseira. Na verdade, eles nada mais fizeram do que comprar uma máquina chamada "Elgin Brother 840" para suas esposas. Elas já dominavam anteriormente as técnicas do tricô. Com a compra da máquina elas se uniram e passaram a fazer uma média de 50 peças por mês. Luís Henrique Benfica conta que a idéia surgiu em agosto e que ele usou os dólares que trouxe da Copa do Mundo da Itália para completar a sua parte no capital. As roupas têm muita saída e eles não dão conta de todos pedidos. Segundo Sílvio Benfica, eles planejam comprar, em seguida, uma outra má-

Aline Carvalho



Peres: o prazer de cantar nas igrejas

quina chamada "Over-Lock", que vai agilizar a produção.

João Bosco Vaz é outro exemplo. Além de ter escrito três livros — Pisando na Bola I e II, e Sacadas do Renan — e de ser primeiro suplente de vereador pelo PMDB, Bosco é leiloeiro há um ano. Mediante uma concessão obtida na Junta Comercial, ele faz leilões particulares, da Justiça do Trabalho e da Justiça Comum. De tudo que vende, ele ganha 10%, com exceção dos imóveis, que lhe dão direito a 6% do valor. Casado, com dois filhos, Bosco garante que só com o jornalismo não teria condições de sobreviver decentemente, e acusa o ministro do trabalho Antônio Magri de ser reacionário ao querer acabar com a exigência do registro profissional no jornalismo.

FOME

Wianey Carlet possui, em sociedade com seu cunhado, uma criação de codornas. O aviário fica em Estância Velha, no sítio do cunhado, que é quem cuida das aves. Wianey diz que a idéia surgiu com o desemprego do cunhado: "nós

montamos o aviário com objetivo essencialmente financeiro, mas, para mim, não deixa de ser um lazer visitá-lo nos fins de semana". O aviário está agora com cerca de 3.000 codornas que chegam a produzir 2.600 ovos por dia. Wianey, que já pensa em começar uma criação de escargot chinês, garante que ganha mais como criador de codornas do que como jornalista, profissão que exerce há 20 anos, e dá um recado para os estudantes de jornalismo: "é bom vocês já irem pensando em um negócio próprio para depois que se formarem, se não quiserem morrer de fome".

Pedro Ernesto, da Rádio Gaúcha, tem uma opinião diferente. Para ele, o bom jornalista, com o tempo, acaba conseguindo uma remuneração justa, mesmo que tenha que trabalhar em mais de um emprego. Mas Pedro também dá seus "bicos". Ele é intérprete de músicas tradicionalistas há quatro anos. O último de seus quatro discos independentes chama-se "Grandes Sucessos do Sul" e já vendeu mais de 2.000 cópias.

Norberto Peres, da Rádio Bandeirantes, tem uma atividade um pouco diferente e a desempenha por puro prazer. Ele canta na Igreja Santa Terezinha (Bom Fim) aos sábados, na missa das 18h, e aos domingos, nas missas das 10, 11 e 12h. Norberto, 28 anos, começou a cantar nas missas em abril de 1979. Ele conta que, nessa época, começou a frequentar assiduamente a Igreja por motivo de doença. Assim, foi convidada por um amigo seu, que cantava e tocava nas missas, para assumir o canto. Hoje, Norberto afirma que faz isso com muito prazer e sem ganhar nada, a não ser quando é convidado para cantar em casamentos.

• Sérgio Macedo Jr.



Os Sonhos na nossa pequena aldeia

Em época de recessão e total desprezo por parte de governo central em relação às manifestações culturais no País, a simples realização de uma 'mostra' cultural internacional já chama a atenção. Tanto mais se o assunto é cinema e se (pros gaúchos) o palco é Porto Alegre. Malhos e apologias à parte, a 8ª Mostra Internacional de Cinema de Porto Alegre foi realizada com êxito de público — mais de 2.500 pessoas apenas no primeiro fim-de-semana (média que se manteve nos dois subsequentes), três boas pré-estréias nacionais e 30 filmes inéditos a serem saboreados pela cidade.

"A oitava mostra ficou além das expectativas por que no conjunto é a melhor unidade de filmes que a gente conseguiu reunir em relação às mostras aqui já realizadas" afirma Marco Antônio Bezerra Campos, do Clube de Cinema, que juntamente com Carlos Schmidt, do Ponto de Cinema/SESC, formam a base da organização do evento.

Na realidade, com escassez de recursos humanos e financeiros, a mostra de Porto Alegre torna-se, em certo sentido, aleatória. Como não há condições de pré-selecionar os filmes que não têm contrato com distribuidoras — muito deles chegam aqui em cima da hora — a mostra corre o risco de pecar por falta de unidade temática. Os promotores do evento dependem da boa vontade de consulados, embaixadas e institutos culturais, naquilo que tangem ao tom internacionalista do evento, ou seja: oferecer um painel que não focalize apenas produções americanas.

Para Marco Antônio Bezerra Campos, vários fatores determinaram a qualidade da mostra de 1990: "O fato de já ser a oitava dá mais respaldo à correspondência enviada aos consulados, embaixadas e distribuidoras no exterior. A associação com o Ponto de Cinema, no quarto ano consecutivo, confere mais credibilidade junto ao público local, devido ao trabalho já reconhecido de Carlos Schmidt".

Este ano, participaram ativamente da mostra o 'Canadian Film Board', o Instituto Nacional de Cinematografia (Argentina), British Council e o Instituto Espanhol de Cinema. Além destes, os filmes chineses foram conseguidos através da Embaixada da China, os alemães, através do Instituto Goethe além da distribuidora Arco-Iris de Porto Alegre, que traz todos os participantes americanos.

Para que um filme passe na Mostra Internacional, ele deve, antes de tudo, ser inédito em Porto Alegre, preferencialmente premiado em algum festival de renome — não sendo unicamente comercial. A mostra da capital gaúcha não conta com pessoas em outros países para o processo de seleção. Aliás, nem existe um. "Não chegamos a esta perfeição", diz Bezerra Campos. Há a possibilidade de escolher filmes de uma lista de 12 a 15 de cada um dos consulados que têm hábito de promover a difusão cultural cinematográfica. Destes, os organizadores selecionam um ou dois conforme diretor e premiação anterior, pois é a única forma de escolha de que dispõe.

Os filmes das distribuidoras comerciais são conseguidos com a solicitação pessoal de Pedro Ernesto da Rocha, diretor da Arco-Iris, que detém os direitos de distribuição da Warner Brothers, Wald Disney Productions, Touchstone Pictures, Cinema International Corporation, Metro Goldwin Mayer, Universal, United Pictures, Paramount e da Paris Filmes (escapam apenas a Columbia Pictures e a Fox Film entre as grandes americanas). As fitas obtidas pelo empresário são depois selecionadas por Bezerra Campos e Schmidt. Depois de determinado o material, são contratadas mais 10 pessoas, as quais operacionalizam o evento, procurando patrocínio, combinando detalhes, buscando os filmes, etc. O transporte dos filmes e a impressão do jornal são pagos pela prefeitura municipal de Porto Alegre, através da secretaria municipal de Cultural. Alguns filmes alugados são pagos com base em um percentual sobre a bilheteria. Os gastos restantes são bancados pelo Clube de Cinema de Porto Alegre e pelo Ponto de Cinema/Sesc.

OS FILMES

Nostalgia, de Tuio Becker e Sérgio Silva, Brasil, 90
 Ori, documentário de Raquel Gerber, Brasil, 89
 Ylé Xoroqué, média-metragem de Raquel Gerber, Brasil, 81
 Festa de Casamento, curta de Sérgio Silva, Brasil, 90
 Gardênia Azul, curta de Cecília Saint-Pierre, Brasil, 87
 O Filósofo (Der Philosoph), de Rudolf Thomé, Alemanha, 89
 Metin, de Thomas Draeger, Alemanha, 81



Kafka revisitado em meio aos fantasmas do stalinismo na Cidade Zero

"... mas eu não posso negar que o que sustenta a exibição de 'Sonhos' de Akira Kurosawa são as 'Tartarugas Ninjas', que emplacam até dois meses lotadas."

O Tempo Real (Echtzeit), de Helmut Pfeifer, Alemanha, 83
 A auto-Estrada do Reich (Reichsautobahn), documentário de Hartmut Bitomsky, Alemanha, 82
 A última Tacada (The Last Straw), de Gilles Walker, Canadá, 87
 A Morte e a Garota (Death and the Maiden), de Lin ong tong, China, 87
 Eu e meus Colegas (Me and my Classmates), de Peng Xiaolian, China, 87
 Stico, de Jaime de Armiñan, Espanha, 84
 Remando ao Vento, de Gonzalo Suarez, Espanha, 88
 Karnebal, de Carlos Mira, Espanha, 85
 O ovo (Ei), de Danniell Danniell, Holanda, 87
 Vozes Distantes (Distant Voices), de Terence Davis, Inglaterra, 88
 Os Dácios (The Dacians), de Sergiu Nicolaescu, Romênia, 88
 Minha Pequena Aldeia (Vesnicko ma Strediskova), de Jiri Menzel, Tchecoslováquia, 86
 O Trovador Kerib, (Achik Kerib), de Serquei Paradanov, URSS, 88
 Cidade Zero (Gorod Zero), de Karen Chakhnazarov, URSS, 89
 A Pequena Vera (Malenkaya Vera), de Vassily Pitchul, URSS, 88

Todos listados são sem dúvida obras de grande qualidade, talvez coubesse ressaltar Minha Pequena Aldeia, indicado para o Oscar de melhor filme estrangeiro em 87, Vozes Distantes, prêmio da crítica em Cannes, 88, e Cidade Zero, grande surpresa entre os fora de concurso em Cannes, 89. A lamentar o fato de que o filme A Auto Estrada do Reich tenha sido exibido em horário impróprio e sem a devida classificação de documentário, causando certo espanto na platéia, mas trata-se igualmente de uma obra merecedora dos prêmios que recebeu.

OS FILMES "COMERCIAIS"

Até aqui falou-se apenas dos filmes 'não-americanos'. E por que a diferença? Os outros não são também comerciais? Pedro Ernesto da Rocha, diretor-assessor da Companhia Nacional de Cinema, sócio-diretor da Distribuidora Arco-Iris, vê as coisas com o pragmatismo e a objetividade comuns aos empresários: "O fato é que são os filmes americanos que movimentam a

indústria do cinema, que resultam em bilheteria, sem a qual não é possível organizar nada". Para esta edição ele pessoalmente conseguiu Trem Mistério, (Mystery Train), de Jim Jarmush, 89; Crezicipol, de Tony Bill, 90; Powaqatsi, de Godfrey Reggio, 88 e Cry Baby, de John Waters, 90.

Estavam programadas ainda a: bilheterias de Coração de Caçador, de Clint Eastwood (White Hunter, Black Heart), 90; Mo' Better Blues, de Spike Lee, 90 e Sonhos de Akira Kurosawa (Kurosawa's Dreams), 90. Porém as fitas não chegaram em tempo hábil. Segundo Pedro Ernesto, a realização de um festival no Rio de Janeiro teria atrasado a liberação, sempre difícil, das cópias. "O mercado brasileiro não é muito grande. Deste tipo de fitas, as grandes companhias mandam no máximo duas cópias por filme em função do alto custo, e elas têm que girar o país inteiro. Pelo menos, Porto Alegre é o terceiro polo" diz.

Pedro Ernesto também é mais um cinéfilo, e seu envolvimento empresarial com o ramo é decorrência desta paixão. "mas eu não posso negar que o que sustenta a exibição de Sonhos do Akira Kurosawa, duas semanas com um terço de sala — na melhor hipótese —, são As Tartarugas Ninjas, que emplacam até dois meses lotadas". Ele foi a personalidade homenageada na 8ª Mostra Internacional de Porto Alegre por sua colaboração decisiva nas oito edições da mostra, além de seu envolvimento com o Clube de Cinema de Porto Alegre, para o qual cede o cinema Guarany (que administra junto com o cine Imperial) e as fitas que lá fazem pré-estréia em telas sulinas. "Gostei, claro, do reconhecimento, acho que falta apenas a crítica encontrar seu caminho com o público. Se temos um país de analfabetos, por que reclamar dos que lêem 'best-sellers'? Que antes leiam! É o costume que vai aprimorar o gosto. Assim, temos que incentivar mais as pessoas a irem às salas, não o contrário".

• Marcelo da Oliveira/
 Saulo de La Rue



Trem Mistério, ou dois japoneses perdidos na Mecca do rock'n'roll